

A FORMAÇÃO DE TERAPEUTAS PARA PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE

TRAINING THERAPISTS IN INTEGRATIVE AND COMPLEMENTARY HEALTH PRACTICES

Joseli Beatriz Suzin¹
Ana Maria Pedroso de Campos Neta²
Nildo Alves Batista³

Resumo

A formação de terapeutas para as Práticas Integrativas e Complementares é um tema atual, uma vez que todos os dias um contingente de novos profissionais está atuando sem que de fato tenham critérios definidos para sua atuação. Partimos de uma experiência de 25 anos, na qual a inspiração original para implantar um ambulatório foi o estudo da Medicina Tradicional Chinesa (MTC), a compreensão da história natural das doenças, seus múltiplos fatores e sua evolução, permitindo identificar o processo do adoecimento e, em especial, entre eles um fator interno que chamou a atenção: a mente. Este artigo descreve uma pesquisa que busca compreender como tem sido a formação dos terapeutas que atuam voluntariamente no ambulatório de PICS dentro de um hospital público de SP. Para isso, foi realizada uma pesquisa descritivo-analítica e exploratória, com abordagem qualitativa, junto aos terapeutas cadastrados e em atividade no ambulatório do hospital no período de janeiro a agosto de 2023. Os resultados apontam que essa prática é desenvolvida predominantemente por mulheres a partir dos 40 anos de idade e que a maioria tem nível superior completo, embora aproximadamente 1/3 deles tenham formação de nível médio ou superior incompleto. A decisão para o exercício das PICS ocorre majoritariamente de forma consciente, a partir da necessidade de compreender melhor a realidade, as necessidades das pessoas, bem como de conhecer o ser humano de forma integral. Os terapeutas apontam, entre as competências cognitivas para essa atuação, a necessidade de ter capacidade de estudo e de atualização constante, possuir um conhecimento ampliado do ser humano, praticar o autoconhecimento como instrumento para ajuda ao outro e ter uma base intelectual mínima para a compreensão dos problemas das pessoas. Entre as habilidades: acolher o paciente, saber fazer uma anamnese, orientar o autocuidado e tratar sem causar danos. Sobre atitudes: ter capacidade de diálogo, mostrar comprometimento, mostrar empatia, ter postura ética e visão crítica. A insuficiência na formação dos terapeutas para a prática é reconhecida pela maioria dos participantes que apontam, como uma das vias de formação, os cursos capacitantes pontuais, incluindo em menor proporção a pós-graduação *lato sensu*. São fatores dificultadores para a formação, o acesso ao conhecimento específico da área, a frequência de cursos muito superficiais, bem como a dificuldade de encontrar pessoas competentes para ensinar. Como conclusão, ressalta-se que o crescente interesse para novas práticas de cuidado indica a necessidade do desenvolvimento de critérios específicos para a preparação desses terapeutas.

Palavras-chave: terapias complementares; práticas integrativas e complementares; educação em saúde; capacitação de recursos humanos em saúde; saúde holística.

Abstract

The training of therapists for Integrative and Complementary Practices is a topical issue, since every day a contingent of new professionals enter the field without having defined criteria for their work. We start from a 25-year experience in which the original inspiration for setting up an outpatient clinic was the study of Traditional Chinese Medicine (TCM), the understanding of the natural history of diseases, their multiple factors and their

¹ Médica, Advogada e Mestranda em Ciências da Saúde.

² Graduada em Odontologia pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (1977). Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde (2019). Especialista em Ortodontia pela Universidade de Santo Amaro - UNISA (1980). Especialista em Saúde Pública pela UNAERP (1995). Especialista em Anatomia Cirúrgica da Face pelo Instituto de Ciências Biomédicas - ICB/ USP (2001). Especialista em Bioética pela Universidade de São Paulo (2015) e especialista em Preceptoría no SUS pelo Instituto de Ensino e Pesquisa do Hospital Sírio Libanês (2016).

³ Professor Titular Sênior da Universidade Federal de São Paulo. É médico, pediatra, mestre em Medicina (Pediatria) e doutor em Medicina (Pediatria) pela Universidade de São Paulo e Livre-Docente em Educação Médica pela Universidade Federal de São Paulo.

evolution, which allowed us to identify the process of illness and, in particular, among them, an internal factor that caught our attention: the mind. This article describes a study that seeks to understand what the training of therapists who work voluntarily in the PICS outpatient clinic at a public hospital in São Paulo has been like. To do this, a descriptive-analytical and exploratory study was conducted, using a qualitative approach with the therapists registered and working at the hospital's outpatient clinic between January and August 2023. The results show that this practice is conducted predominantly by women aged 40 and over and that the majority have completed higher education, although approximately 1/3 of them have secondary or incomplete university degree. The decision to practice PICS is mostly a conscious one, based on the need to better understand reality and people's needs, as well as to get to know the human being. Among the cognitive competencies for this practice, the therapists point to the need to be able to study and constantly update, to have a broader knowledge of the human being, to practice self-knowledge as an instrument for helping others and to have a minimum intellectual base for understanding people's problems. Among the skills: welcoming the patient, knowing how to take an anamnesis, guiding self-care and treating without causing harm. As for attitudes: having the capacity for dialog, showing commitment, empathy, an ethical stance and a critical vision. The insufficiency of therapists' training for practice is recognized by most participants, who point to one of the training routes as being one-off training courses, including, to a lesser extent, *lato sensu* postgraduate courses. Access to specific knowledge in the area, the frequency of very superficial courses and the difficulty of finding competent people to teach are all factors that hinder training. To conclude, the growing interest in new care practices indicates the need to develop specific criteria for preparing these therapists.

Keywords: complementary therapies; integrative and complementary practices; health education; training of human resources in health; holistic health.

1 Introdução

As transformações epidemiológicas e demográficas que vêm ocorrendo no mundo nas últimas décadas, quando as principais causas de mortalidade mudaram de doenças infecciosas para três condições crônicas (doenças cardíacas, acidente vascular cerebral e câncer), permitiram uma transformação de paradigma na atenção à saúde, abrindo espaço para uma nova concepção de medicina, fundamentada na saúde e não na doença, colocando o paciente no centro da relação terapêutica. Assim, passou-se a considerar o ser humano como um todo indivisível, impensável de ser separado em corpo físico, mental e espiritual e dissociado das questões sociais, ambientais e comportamentais das doenças.

Essa visão situa-se em antítese ao modelo biomédico, mecanicista, que privilegia as partes da máquina humana e os processos bioquímicos que a fazem funcionar (Padovan; Barros, 2011). Esse movimento fez com que as pessoas buscassem alternativas ao tratamento médico clássico, resultando em uma nova perspectiva para as práticas de saúde e possibilitou a inserção, nos sistemas de saúde, de medicinas não convencionais, incorporando saberes tradicionais originários de diferentes culturas.

Ao valorizar os múltiplos fatores responsáveis pela doença, as Medicinas Tradicionais Integrativas e Complementares (MTCI), também chamadas Medicinas Integrativas (MI) e Práticas Integrativas e Complementares (PICS), tem sido tema de convergência em todo o mundo, considerada como um dos objetivos da saúde pública e reiteradamente corroborados nas conferências de saúde desde a década de 70 (Paim, 2006). Sumiya *et al.* reforçam que “as

PICS têm a possibilidade de revitalizar a assistência à saúde, amenizando o padrão biologizante e medicalizante do cuidado moderno” (2021, p. 276). Malta *et al.* (2021) ressaltam que as PICS requerem compreensão e apropriação de saberes técnicos, científicos e éticos, os quais são falhos ou negligentes na formação profissional.

Ao procurar entender quem é e como é formado o terapeuta de PICS na realidade brasileira, Silva *et al.* (2021) comentam que a formação se dá por diversos caminhos, entre eles por capacitações proporcionadas pela gestão pública, por conselhos de categoria profissional, por formações em instituições privadas, por cursos pontuais e que o acesso a esse conhecimento também acontece pela internet, por livros e revistas. Ferreira *et al.* (2024) apontam como uma das principais dificuldades em disseminar os conhecimentos dessas práticas na área da saúde a escassa oferta e má distribuição de disciplinas envolvendo PICS nos currículos dos Cursos de Saúde. Para Salles, Homo e Silva (2014), as poucas instituições de ensino que oferecem PICS o fazem de maneira optativa. O autor menciona que, dessa forma, um grande número dos profissionais de saúde se forma sem nenhuma aproximação acadêmica às PICS.

Carrer *et al.* (2022), ao apresentarem uma revisão integrativa sobre a capacitação profissional para as práticas integrativas e complementares na atenção primária, destacam as lacunas no processo formativo, a falta de educação permanente e embasamento científico que se refletem na limitação do conhecimento sobre as PICS. Os autores ressaltam que, dentre os profissionais de saúde, são os enfermeiros os que mais executam as PICS, seguidos pelo médico. Em um estudo com terapeutas no México, Corell-Domémech (2019) encontrou que 91% dos terapeutas possuíam formação universitária, 75% deles na área de ciências da saúde e todos consideraram que a formação deve ser contínua para poder incorporar novas melhorias nos seus serviços.

Haraguchi *et al.* (2020), ao pesquisarem o impacto da capacitação de fitoterapia na prática dos profissionais na rede pública de saúde de São Paulo, entre 2014 e 2015, concluíram que a capacitação trouxe repercussão positiva na totalidade dos itens avaliados na prática fitoterápica dos profissionais atuantes, confirmando a importância de tais cursos. No Brasil, observa-se uma crescente proliferação de escolas que prometem cursos que capacitem esses profissionais, mas como não há um consenso sobre como formar e quais são os requisitos mínimos para essa formação, há muita heterogeneidade nos perfis profissionais dos terapeutas e, muitas vezes, uma dissociação entre o que se propõem e o que conseguem realizar.

Este artigo descreve uma pesquisa⁴ que busca compreender como tem sido a formação dos terapeutas que atuam voluntariamente em um ambulatório de PICS dentro de um hospital público de SP. Partimos de uma experiência de 25 anos na qual a inspiração original para implantar o ambulatório foi o estudo da Medicina Tradicional Chinesa (MTC), a compreensão da história natural das doenças segundo a visão chinesa, seus múltiplos fatores e sua evolução, permitindo identificar os fatores do adoecimento e dentre eles um fator interno em especial que chamou a atenção: a mente.

Esse foi o marco para o início do ambulatório em 1999, principalmente com a meditação. Inicialmente foi conduzida por médicos do ambulatório de acupuntura e, em seguida, incorporou voluntários de diversas formações, oferecendo as mais variadas terapias. Procurou-se investigar o percurso a partir da decisão do terapeuta para a prática, buscando identificar o perfil demográfico, além de conhecer as trajetórias formativas e, na visão dos mesmos, as competências específicas para atuação nas PICS.

2 Método

Para atingir os objetivos propostos, foi realizada uma pesquisa descritivo-analítica e exploratória, com abordagem qualitativa junto aos terapeutas cadastrados e em atividade no ambulatório do hospital no período compreendido entre janeiro e 31 de agosto de 2023. O estudo foi dividido em duas etapas. Para a primeira etapa, a população compreendeu o universo dos terapeutas naquele momento, equivalente a 61 terapeutas.

Na segunda etapa, trabalhamos com uma amostra qualitativa de 15 terapeutas para aprofundamento na coleta de dados. Dos 61 terapeutas que estavam em atividade no momento da coleta de dados, 42 possuíam nível superior completo e, dentre estes, foram entrevistados aleatoriamente os terapeutas que apresentavam disponibilidade para a entrevista. O critério utilizado para o número final de entrevistas foi a reincidência de informações, mesmo em diferentes contextos das falas dos entrevistados. Para esta fase, os critérios de inclusão foram dois, estar desenvolvendo a prática no hospital há mais de seis meses e possuir nível superior completo. Esta escolha foi intencional visto que este público está mais preparado para contribuir com a temática estudada.

Os dados foram coletados por meio de questionário e entrevista semiestruturada presencial e *on-line*. Do cadastro foram extraídos dados de sexo, faixa etária, nível de formação, ocupação atual, área de atuação e tempo de atividade no ambulatório.

⁴ A formação para práticas integrativas e complementares em saúde na visão de terapeutas em atuação em um hospital público, Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal de São Paulo em dezembro de 2024.

O roteiro da entrevista foi construído a partir de oito questões que direcionaram o diálogo e foi realizado por um entrevistador anônimo para evitar o viés na coleta, sendo realizada, na sua maioria (doze), na forma presencial nas dependências do hospital; apenas três delas foram realizadas no modelo *on-line* por intermédio do *Google Meet*. Todas as entrevistas foram precedidas da assinatura do termo de livre consentimento e a duração média de cada uma foi de 20 minutos. As entrevistas foram gravadas, transcritas em sua íntegra e submetidas à análise.

Os dados obtidos da primeira etapa foram submetidos a uma análise estatística e, na segunda etapa, à análise de conteúdo e modalidade temática. Esta pesquisa foi previamente aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de SP, sob o n.º 67654723.0.0000.5505, de 30 de junho de 2023, e todos os participantes assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido.

3 Resultados e discussão

A primeira pergunta que norteou esta pesquisa foi “Quem são os terapeutas que atuam em PICS no contexto hospitalar”. Os resultados apontam que essa prática é desenvolvida predominantemente por mulheres a partir dos 40 anos de idade e que a maioria dos terapeutas tem nível superior completo, embora aproximadamente 1/3 deles tenham formação de nível médio ou superior incompleto. Observou-se também que a maior parte dos terapeutas de nível superior é egressa de cursos das áreas de ciências humanas e sociais aplicadas e que apenas 25% do total da amostra tem formação na área da saúde, predominantemente de farmácia, medicina e psicologia.

Pesquisa similar sobre a identificação das tendências da força de trabalho de terapeutas de PICS realizada na Austrália mostra uma predominância contínua de profissionais do sexo feminino e uma força de trabalho envelhecida e, predominantemente, com nível superior comparável com o encontrado neste estudo (Grace; Baltrosky, 2023). Ferreira *et al.* (2024), ao estudarem 45 terapeutas de PICS, todos com vínculo empregatício em centro de atenção psicossocial, também identificaram maioria absoluta de mulheres com média de idade de 45 anos e formação em diversas áreas sendo a maioria psicólogos.

A segunda pergunta desta investigação foi “Qual a trajetória formativa dos terapeutas para o exercício das PICS?” Especificamente procurou-se saber como a formação prévia e a prática influencia e prepara o terapeuta para a atuação, identificando sua trajetória formativa e a sua decisão para esse exercício. Constatou-se que ela ocorre majoritariamente de forma

consciente, a partir da necessidade de compreender melhor a realidade, as necessidades das pessoas, bem como de conhecer o ser humano de forma integral.

.... me fez decidir ser terapeuta foi verificar que as pessoas estavam sempre muito doentes, às vezes, os médicos não conseguiam detectar uma causa dessa doença, por mais que se investigasse não encontrava uma causa física ... (E2)

Observou-se que a principal via de formação do terapeuta se dá de maneira continuada, a partir da própria prática e que a graduação em nível superior foi um fator que motivou a busca pela formação do terapeuta em PICS: "... pela prática você vai desenvolvendo...., , o que te ajuda, é participar de diferentes abordagens. Você vai traçando a sua própria formação..." (E8). Ferreira *et al.* (2024) apontam que a formação em serviço é a principal interface no preparo técnico para oferta das PICS e que têm sido uma prática de estratégia educacional.

A decisão para o exercício das PICS não é planejada em 40% dos casos, ocorrendo por fatores como a influência da profissão de base, principalmente entre os terapeutas de nível superior, e a busca por ampliação nessa formação, incorporando outras práticas. A decepção com a profissão e a identificação de resultados com terapias não convencionais a partir de uma experiência pessoal também estão presentes. Foi identificado, ainda, que a decisão pelas PICS se pauta no autoconhecimento e na compreensão de como atuam no indivíduo:

...fui buscar a PICS e aí eu identifiquei que essa era uma área que fazia uma leitura mais integral do ser humano, ... físico, emocional, psíquico... foi quando me despertou esse interesse... (E13)

... fui lidando melhor com as minhas questões ... E aí eu decidi ajudar as pessoas a se conhecerem mais, a terem mais qualidade de vida.eu vi que para mim deu certo e aí eu queria falar para todo mundo... (E14)

Malta *et al.* (2021), a partir de uma revisão integrativa sobre a formação e atuação do enfermeiro em PICS, observaram que o primeiro interesse pelas terapias veio do conhecimento comum e do ambiente socioeconômico e, só posteriormente, veio o desejo de conhecimento sobre o cuidado complementar e humanizado.

A insuficiência na formação dos terapeutas para a prática é reconhecida pela maioria dos participantes desta investigação, que apontaram, como uma das vias de formação, os cursos capacitantes pontuais, incluindo em menor proporção a pós-graduação *lato sensu*. Para Ferreira *et al.* (2024), a implementação da Política Nacional de PICS (PNPICS) tem como limitante a formação dos profissionais, o que exige atenção das instituições de ensino para a melhor qualificação desses profissionais.

Nascimento *et al.* entendem que “... a formação de recursos humanos para o exercício de PICS em nosso país é considerada insuficiente e difusa, com limitações tanto na oferta quanto na qualidade do ensino profissional...” (2018, p. 752). Um estudo de Silva *et al.* (2021), com um grupo de profissionais de unidades de saúde de municípios da Região Metropolitana de Goiânia, constatou que a formação é oferecida pelo Ministério da Saúde, Secretarias Municipais de Saúde, conselhos de categorias profissionais, ou custeado pelo próprio trabalhador, e acontece por meio de capacitações de curta duração, seja presencial ou *on-line*. Outra constatação é que a oferta de PICS na atenção primária é implementada por profissionais que não detém educação formal.

Ferreira *et al.* (2024) ressaltam que as percepções dos profissionais a respeito dos processos formativos são pouco elucidadas e que os profissionais de PICS procuram adquirir conhecimento por meio de canais informais devido à escassez de opções formais. Outro questionamento feito nesse estudo foi: Quais as competências específicas para a atuação em PICS? Os terapeutas apontam, entre as competências cognitivas, a necessidade de ter capacidade de estudo e se atualizar de forma constante, associar o conhecimento científico ao domínio da técnica, possuir um conhecimento ampliado do ser humano, praticar o autoconhecimento como instrumento para ajuda ao outro e ter uma base intelectual mínima para a compreensão dos problemas das pessoas: “...a gente não pode parar de estudar tem que continuar fazendo com que a gente amadureça no processo, você precisa estar sempre se atualizando...” (E2)

Entre as habilidades esperadas estão: acolher o paciente, saber fazer uma anamnese, acompanhar o paciente, orientar o autocuidado e tratar sem causar danos. Sobre a atitude: ter capacidade de diálogo, mostrar comprometimento, mostrar empatia, ter postura ética e visão crítica: “... acolhimento... de amorosidade, principalmente, porque sem isso fica difícil... (E6)”

Santos (2019), ao elaborar e validar uma matriz de competências em PICS a partir de revisão bibliográfica, documental e pela técnica Delphi modificada para um programa de residência em medicina, valoriza parâmetros socioculturais provenientes de experiências de vida, de saberes e conhecimentos não ortodoxos e milenares como elementos centrais para a construção do conhecimento. Para o autor, desenvolver escuta acolhedora e estabelecer vínculos terapêuticos por meio da visão global do ser humano e dos processos de saúde e de adoecimento com uma abordagem que integre as visões biopsicossociais e espirituais, está entre as competências de um terapeuta.

Outras competências levantadas por Santos (2019) também vão ao encontro da presente pesquisa, como o aprimoramento do residente a partir do conhecimento de si próprio,

do autocuidado, do uso consciente das PICS em sua vida e na atenção dos indivíduos, assim como o desenvolvimento do processo de compaixão envolvido no ato de cuidar.

Os terapeutas apontam como fatores facilitadores para a formação: a predisposição interior, a identificação com a formação recebida, o encontro de pessoas que motivem a formação, o reconhecimento da eficiência da terapia e o conhecimento profissional de base, além da autonomia na escolha do que aprender. Malta *et al.* (2021), ao se referirem aos fatores facilitadores para a formações dos enfermeiros em PICS, realçam o saber-fazer, as tradições culturais e as influências familiares. Além disso, a especialização profissional e a aceitação sobre os benefícios das PICS, também se mostrou relevante.

Os terapeutas identificam como fatores dificultadores para a formação: o acesso ao conhecimento específico da área, a frequência de cursos muito superficiais, bem como a dificuldade de encontrar pessoas competentes para ensinar: “...na formação é encontrar pessoas competentes ...encontrar pessoas que realmente tenham algo para te dar...”. Ferreira *et al.* (2024) acrescentam que a necessidade de aprimorar formação em práticas culturais específicas que envolvem algumas PICS poderia facilitar sua aceitação e eficácia, visto ser essencial para garantir cuidados e bem-estar adequados, atendendo às necessidades de todos os envolvidos. Malta *et al.* evidenciam uma lacuna na formação ao relatar que “o saber fazer das PICS requer níveis de compreensão e apropriação dos saberes técnicos, científicos e ético da profissão, os quais são deficientes ou negligentes na formação profissional...” (2021, p. 1).

Ter uma formação básica inicial surgiu como sugestão para o aprimoramento da formação, seguida da abordagem de estratégias para preparação pessoal e de equilíbrio emocional para a prática. A discussão a respeito do ser humano na sua integralidade (do físico ao espiritual) foi também enfatizada pelos terapeutas. A necessidade de discussão sobre ética na prática, incluindo metodologias de trabalho e de abordagem do paciente foi também referida, além do preparo para interagir com o ser humano, incluindo a competência de observar e ouvir e formas de acolhimento ao outro. Os terapeutas reforçam a necessidade de conscientização das pessoas para a importância do autocuidado e para a associação da ciência ao conhecimento da prática, o que foi também salientado.

Alguns terapeutas sugerem a discussão de temáticas como psicologia, filosofia, compreensão da energia e abordagem metafísica. O aprimoramento contínuo na formação e o aprimoramento da formação na prática via supervisão nos primeiros anos de atuação, além de uma homogeneidade do conhecimento às diversas formas de abordagens terapêuticas foram sugestões relevantes.

4 Conclusão

A formação para as Práticas Integrativas e Complementares é um tema atual que precisa ser mais valorizado, uma vez que todos os dias um contingente de novos terapeutas está atuando sem que de fato se tenha critérios definidos para sua atuação. Atuam de forma ilimitada, privilegiados pela ainda insuficiente comprovação científica que possa validar seus benefícios e contra efeitos.

O crescente interesse que as novas práticas de cuidado vêm causando nos usuários, profissionais e gestores, indica a necessidade do desenvolvimento de critérios específicos para a preparação desses terapeutas, também pensando na segurança do paciente. Ao analisar os resultados observamos que os terapeutas apresentam uma insatisfação com suas formações originais e estão à busca de alternativas que tragam maior satisfação e realização profissional, além de possíveis maiores ganhos e autonomia com uma nova profissão.

Desde que o trabalho se iniciou com a inserção dos voluntários em 2000, identificamos que muitos desses terapeutas vêm à procura de alternativas profissionais e, muitas vezes, oferecem o trabalho voluntário para poderem experienciar uma nova profissão a partir da prática em um ambiente preparado e onde possam sanar suas dificuldades, adquirirem segurança, confiança e autonomia para seguir nessa nova carreira. O trabalho com voluntários é muito dinâmico, vários são os motivos, mas alguns deles, uma vez que adquirem a experiência necessária para a atuação, partem.

O desfecho primário desta investigação foi atingir o objetivo de analisar a formação para o exercício das PICS a partir da experiência da Sala de Meditação de um hospital público de SP. O desfecho secundário foi contribuir com a formação dos terapeutas de PICS e dar visibilidade a uma prática que vem crescendo e abrindo novas perspectivas no que diz respeito ao cuidado integral. Entendemos que a pesquisa possa produzir informações que, colocadas em prática, tragam maior segurança ao atendimento à saúde com PICS pela identificação de habilidades e competências necessárias para a atuação do terapeuta.

Referências

CARRER, C. *et al.* Atenção Primária e capacitação profissional para aplicação das Práticas Integrativas e Complementares: revisão Integrativa. **Espac. Saude.**, v. 23, e887, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.22421/1517-7130/es.2022v23.e887>. Disponível em: <https://espacoparasaude.fpp.edu.br/index.php/espacosaude/article/view/887/677>. Acesso em: 27 fev. 2025.

CORELL-DOMÉNECH, M. Terapeutas alternativos em México y la estrategia de la OMS sobre medicina tradicional 2014-2023: comunicación, creencias y factores socio-económicos. **Perspectivas de la Comunicación**, v. 12, n. 1, p. 59-77, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-48672019000100059>. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/pdf/perspectcomun/v12n1/0718-4867-perspectcomun-12-01-59.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2025.

FERREIRA, S. K. *et al.* de Atenção Psicossocial e formação profissional para oferta das Práticas Integrativas e Complementares: estudo com profissionais ofertantes dos serviços. **Interface** (Botucatu), v. 28, e230523, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/interface.230523>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/8M9Grx4WRCH6pcnmQTVcrrN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 fev. 2025.

GRACE, S.; BALTROTSKY, K. Australian National Complementary Medicine Workforce Survey: A Profile of Practitioners and Their Practices. **J Integr Complement Med.**, v. 30, n. 7, p. 682-690, dec. 2023. DOI: [10.1089/jicm.2023.0443](https://doi.org/10.1089/jicm.2023.0443).

HARAGUCHI, L. M. M. *et al.* Impacto da Capacitação de Profissionais da rede Pública de Saúde de São Paulo na Prática de Fitoterapia. **Rev. bras. educ. med.**, v. 44, n. 1, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.1-20190190>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/LhQmyY5gvq6rPct9bdfqzMP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 fev. 2025.

MALTA, B. C. S. *et al.* Práticas integrativas e complementares e suas aplicabilidades nos campos de formação e atuação de enfermeiro. **Pubsaúde**, v. 5, p. 108, 2021. DOI: <https://dx.doi.org/10.31533/pubsaude5.a108>. Disponível em: <https://pubsaude.com.br/wp-content/uploads/2021/05/108-Praticas-integrativas-e-complementares-e-suas-aplicabilidades.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2025.

NASCIMENTO, M. C. *et al.* Formação em Práticas Integrativas e Complementares em Saúde: Desafios para as universidades públicas. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 751-772, maio/ago. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-7746-sol00130>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/4PGykgCDsjXR3BjJYMqvrtS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 fev. 2025.

PADOVAN, O. M. A.; BARROS, F. N. A Medicina Integrativa e a construção de um novo modelo na saúde. **Ciênc. saúde coletiva.**, v. 16, n. 3, p. 1801-1811, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000300016>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/9QPwFdccDdPTSb633rbJVBq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 fev. 2025.

PAIM, J. S. **Desafios para a Saúde Coletiva no Século XXI**. Salvador: EDUFBA, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/7078/1/Paim%20J.%20Desafio%20da%20Saude%20Coletiva.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2025.

SALLES, L. F.; HOMO, R. F.; SILVA, M. J. P. da. Situação do ensino das práticas integrativas e complementares nos cursos de graduação em enfermagem, fisioterapia e medicina. **Cogitare Enfermagem**, v. 19, n. 4, p. 741-746, 2014. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/directbitstream/d3424475-e843-4cf1-9b54-3e7519031d56/SILVA%2C%20M%20J%20P%20da%20doc%20164e.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2025.

SANTOS, A. C. D. **Elaboração e validação de uma matriz de competências em Práticas Integrativas e Complementares em saúde para um programa de terceiro ano opcional de residência em medicina de família e comunidade**. 2019. 96 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Saúde da Família) — Inst. Aggeu Magalhães, Fund. Oswaldo Cruz, Recife, 2019. Disponível em: https://profsaude-abrasco.fiocruz.br/sites/default/files/aarao_carajas_dias_dos_santos.pdf. Acesso em: 27 fev. 2025.

SILVA, P. H. B. *et al.* Formação profissional em práticas integrativas e Complementares: o sentido atribuído por trabalhadores da Atenção Primária à Saúde. **Cienc. Saúde Colet.**, v. 26, n. 2, p. 399-408, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021262.40732020>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/bMPrN3XpzGh9mDjVmrXMGGN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 fev. 2025.

SUMIYA, A. *et al.* Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS): Um relato de experiência extensionista. **R. Eletr. de Extensão**, Florianópolis, v. 18, n. 38, p. 275-284, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/1807-0221.2021.e77324>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/77324/46012>. Acesso em: 27 fev. 2025.

Data de submissão: 29 de janeiro de 2025

Data de aceite: 25 de fevereiro de 2025